



**APAGAMENTO DE R EM CODA EXTERNA EM DUAS VARIEDADES
AFRICANAS DO PORTUGUÊS
R DELETION IN EXTERNAL CODA IN TWO AFRICAN
VARIETIES OF PORTUGUESE**

Silvia Figueiredo Brandão¹

Resumo

Focaliza-se o apagamento dos róticos nas variedades urbanas do Português de São Tomé (PST) e do Português de Moçambique (PM) à luz dos princípios teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança. Objetiva-se discutir os fatores estruturais e sociais que condicionam a queda do R em coda externa. Realizaram-se análises controlando variáveis estruturais e também as variáveis sexo, faixa etária e nível de escolaridade, frequência de uso de um crioulo (esta em relação ao PST), status do Português (L1 ou L2) e línguas faladas pelo informante (em relação ao PM), as três últimas com o propósito de verificar possíveis influências das línguas locais, devido à situação multilinguística nessas áreas. Os resultados das análises demonstram que a queda do R no PST é mais frequente do que no PM e que as variáveis sociais se mostraram muito salientes para a definição desse quadro.

Palavras-chave: Róticos; Coda externa; Português de São Tomé; Português de Moçambique.

Abstract

This article focuses on rhotic deletion in the urban varieties of the Portuguese spoken in São Tomé (PST) and in Mozambique (PM) in the light of the theoretical and methodological as-

1 Universidade Federal do Rio de Janeiro/CNPq 1/FAPERJ. E-mail: silvia.brandao@terra.com.br.

Recebido em: 27/08/2018

Aceito em: 07/11/2018



A revista *Diadorim* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

sumptions of the Theory of Language Variation and Change. We aim to discuss the structural and social factors that condition R deletion in external coda. Variationist analyses have been carried out, controlling structural and social variables, such as gender, age group, level of schooling, frequency of use of a creole (with regard to São Tomé), status of Portuguese (L1 or L2) and other languages spoken by the interviewee (with regard to MP). The three latter variables intend to investigate the possible interference of local languages, considering the multilingualism in those areas. The results of the analyses show that R deletion in PST is more frequent than in the Portuguese of Mozambique and that the influence of social variables has shown their influence in such result.

Keywords: Rhotic deletion; External coda; Portuguese of São Tomé; Portuguese of Mozambique.

1. Introdução

Os róticos têm sido alvo de inúmeras pesquisas não apenas no Português, mas também no âmbito de outros sistemas linguísticos, de um lado pela dificuldade em caracterizá-los, estritamente, como uma classe de sons, de outro, por apresentarem tendências semelhantes quer quanto à posição no vocábulo, quer quanto à possibilidade de intercambiarem.

Ladefoged; Maddieson (1996, p. 244-245) mencionam o terceiro formante mais abaixado como um possível traço unificador de todos os róticos, mas acabam por concluir que, na realidade, isso não se aplica, pois não só o abaixamento não ocorre em todos os róticos, mas também “cada membro da classe se assemelha a algum outro membro em relação a alguma propriedade, mas não é a mesma propriedade que constitui a semelhança entre todos os membros da classe”². Para os autores, tais semelhanças parciais poderiam explicar “diversas alternâncias sincrônicas e as mudanças diacrônicas que conectam diferentes tipos de róticos entre si”, acrescentando que “embora haja vários subtipos bem definidos de sons (vibrantes, flapes etc) incluídos na classe rótica, a unidade global do grupo parece residir sobretudo nas conexões históricas entre esses subgrupos, e na escolha da letra ‘r’ para representar todos eles”.

Tal complexidade pode ser facilmente observada no Português do Brasil (PB), em que hoje se registram, em contexto de coda, além do cancelamento do R, variantes como o tepe, a aproximante retroflexa e as fricativas velar e glotal e, nos contextos pré-vocálicos, sobretudo as mencionadas fricativas. No Português Europeu (PE), de acordo com Veloso (2015, p. 328), há um processo de posteriorização do R nos contextos pré-vocálicos, que redundou, na norma lisboeta atual, na inovadora vibrante uvular que,

parece estar sofrendo uma mudança subsequente mais drástica (...) De fato um crescente número de falantes está substituindo o [ʀ] por uma fricativa — quer dizer, por uma obstruinte, tipicamente não se comportando como uma sonorante, mas mais similarmente como, digamos, uma oclusiva ou uma africada, acusticamente falando — dentro de uma gama de escolhas que inclui, no PE,

2 As traduções dos textos citados são de inteira responsabilidade da autora deste artigo.

velares (desvozeada [x] ou vozeada [ɣ]) e uvulares (desvozeada [ʁ] e vozeada [ʁ̃]).

Veloso menciona, ainda, a “emergência de um flap retroflexo [ʁ̃] ocorrendo no lugar de um flap alveolar (supostamente invariante entre todos os falantes do PE (= [R]), de acordo com a literatura)” (p. 331). Para o autor, essa variante [ʁ̃] (ou talvez um [ʁ̃]) estaria se difundindo sobretudo entre falantes jovens do sexo feminino e de alto nível de escolaridade na cidade do Porto, sobretudo no contexto de coda silábica (raramente em onsets) na posição acentuada final, como em *professo[ʁ̃]*, *faze[ʁ̃]*, *amo[ʁ̃]*.

Veloso, no quadro sintético sobre a mudança dos róticos no PE e no PB, que apresenta ao final de seu artigo (p. 334), não faz qualquer menção ao apagamento em coda silábica externa embora o processo não só represente o último estágio de posteriorização nesse contexto, mas também seja muito produtivo no PB, como vêm demonstrando os inúmeros estudos sobre o tema no âmbito desta última variedade.

Neste artigo, focalizam-se os róticos em coda silábica externa com o objetivo de verificar como atua o apagamento em duas variedades africanas do Português, a de São Tomé (PST) e a de Moçambique (PM), que só há bem pouco tempo passaram a contar com estudos de natureza fonético-fonológica e que, a princípio, têm como norma de referência o PE. Parte-se da hipótese de que, nelas, o processo ainda esteja em estágio menos avançado do que em algumas áreas brasileiras, como ocorre em dialetos que têm no tepe a variante mais frequente na posição medial e também na final.

Para desenvolver o tema, além desta introdução, na seção 2, revisitam-se, para fins comparativos, os poucos estudos que focalizam o R em contexto de coda externa no PE (2.1) e dá-se uma breve notícia de estudos sobre os róticos recentemente divulgados no âmbito do PST e do PM (2.2); na terceira seção, traça-se um brevíssimo perfil das duas comunidades e na quarta, indicam-se os aspectos teórico-metodológicos que nortearam as análises das mencionadas variedades africanas. Na seção 5, expõem-se as análises referentes, respectivamente, ao PST (5.1) e ao PM (5.2). Na sexta, apresenta-se uma síntese dos resultados, e, na sétima, tecem-se as considerações finais.

2. Estudos sobre o R

Diferentemente do que ocorre no âmbito do PB, em que inúmeros são os estudos sobre os róticos do ponto de vista tanto sócio e geolinguístico, quanto intrinsecamente fonológico, raros são os estudos que os focalizam no PE e nas variedades africanas, como se poderá verificar nos subitens a seguir.

2.1. R em coda externa no PE

Em relação ao PE, sobretudo no que respeita à coda silábica externa, em que o tepe é considerado a norma (VELOSO, 2015, acima; MATEUS; D'ANDRADE, 2000), conta-se com os trabalhos de Brandão; Mota; Cunha (2003), Mateus; Rodrigues (2003) e Rodrigues (2005)³.

O primeiro deles, de cunho contrastivo (PE, PB), na linha sociolinguística variacionista, baseia-se em entrevistas realizadas, nas décadas de 1980 e 1990, e pertencentes ao Projeto VARPORT (*Análise Contrastiva de Variedades do Português*). O segundo apoia-se em dados do Projeto REDIP (Rede de Difusão Internacional do Português: rádio, televisão e imprensa) do ILTEC (Instituto de Linguística Teórica e Computacional) e no Corpus CPE-Var (*Corpus de Português Europeu – Variação*), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, recolhido nos anos de 1996 e 1997. O terceiro focaliza algumas variáveis fonético-fonológicas nos dialetos de Lisboa e Braga, entre elas os róticos, com base no Corpus CPE-Var, o mesmo em que se fundamenta o anterior e, que, por esse motivo, não é aqui comentado.

Brandão; Mota; Cunha (2003) realizaram um estudo contrastivo entre o PE e o PB para verificarem especificamente o que ocorre em coda silábica externa, considerando 12 indivíduos (6 por variedade nacional), distribuídos por dois níveis de escolaridade (fundamental e superior) e três faixas etárias (18-35; 36-55 e 56-75 anos). Computaram-se 994 dados, 591 referentes ao PE e 403 ao PB, registrando-se as variantes expostas na Tabela 1.

	Cancelamento	Tepe	Tepe+ [i]	Vibrante uvular	Fricativa velar	Fricativa uvular	Fricativa glotal
PE	156/591 26%	430/591 73%	05/591 1%	— 0%	— 0%	— 0%	— 0%
PB	3142/403 78%	33/403 8%	— 0%	2/403 0,49%	08/403 2%	01/403 0,24%	45/403 11%

Tabela 1: Distribuição das variantes de R em coda externa em PE e em PB. Fonte: BRANDÃO; MOTA; CUNHA, 2003, tabela 2, p. 167.

Como demonstra a tabela, o cancelamento do R é altamente produtivo no PB (78%, input .89) e ainda incipiente no PE (26%, input .05). Quando concretizado, a norma no PE é o tepe (73%, considerando-se os casos de abertura de sílaba) e, no PB, a fricativa glotal (11%). Como salientam as autoras, “na amostra brasileira, nos casos em que não ocorre cancelamento, tepe e fricativas têm uma distribuição particular: o tepe restringe-se ao contexto pré-vocálico e as fricativas, aos contextos de pausa e pré-consonântico” (p. 167).

Nas análises em separado das variedades brasileira e europeia, consideraram-se, além das duas variáveis sociais, o número de sílabas do vocábulo, a intensidade da sílaba em que ocorre o R, o contexto antecedente, o modo e o ponto de articulação do segmento subsequente, a classe

³ Essa publicação refere-se à tese, com o mesmo título, defendida em 2001 na Universidade de Lisboa.

do vocábulo e a pressão paradigmática.

Tendo-se feito diversas junções/eliminações em função da distribuição de dados, na análise variacionista do cancelamento no PE (regra cujo input é .05), verificou-se que:

(a) a variável mais relevante – *faixa etária* – mostrou que são os indivíduos mais jovens os que mais promovem o cancelamento (P. R. .70), enquanto os da faixa intermediária (P. R. .31) são os que menos o atualizam, seguidos pelos mais velhos (P. R. .43);

(b) no que respeita à *classe do vocábulo*, o cancelamento incidiu sobretudo no vocábulo *qualquer* (P. R. .89), no segundo constituinte das expressões “quer/vamos dizer” (P. R. .74), nos vocábulos *maior, menor, melhor, pior* (P. R. .65), sendo pouco expressivo entre os verbos e nomes, que tiveram de ser tomados em conjunto (P. R. .39).

Mateus; Rodrigues (2003) selecionaram do *Corpus REDIP* dois programas de televisão (um de rádio, outro de TV) abrangendo os temas esporte e opinião, nos quais obtiveram, em 2328 palavras terminadas em R, 13% de cancelamento e 87% de concretização. Para fins de análise foram separados os nomes e os verbos (1742 dados). Consideradas as duas classes em conjunto ou separadamente, o percentual de cancelamento é idêntico: 12%. No entanto, o mesmo procedimento, quando se consideram em separado os dados oriundos dos programas de rádio e os de televisão, demonstra que ambas as classes, em programas de rádio, têm 15% de cancelamento, enquanto na televisão, o percentual relativo aos nomes baixa para 2% e o de verbos para 9%. No que se refere aos fatores estruturais, as autoras afirmam que o R tende a ser suprimido sobretudo quando, no vocábulo seguinte, há uma obstruinte (fricativa ou oclusiva) em 64% dos casos, sendo também sensível à presença de uma soante (21%), acrescentando, ainda, que ,diante de vogal e pausa, “raramente é suprimido”(p.193).

Do *Corpus CPE-Var*, as autoras consideraram 3500 ocorrências do material de “Discurso Informal, que corresponde à parte da entrevista sociolinguística que mais se aproxima do vernáculo”(p. 195).

Na fala espontânea, embora os fatores que podem implicar o cancelamento sejam basicamente os mesmos, o índice de queda é mais significativo: 31,3% em Lisboa e 33,4%, em Braga. As autoras chamam a atenção, em nota, para os altos índices referentes à obstruinte vozeada em Braga, que se deveriam à recorrência da expressão *quer dizer*, que, em 140 ocorrências, apresentou 109 casos de cancelamentos (77,85%). Também na fala espontânea, a presença de vogal ou de pausa inibe a queda do R, como se constata na Tabela 2.

Lisboa		Braga	
Vibrante	76,9%	Obstruinte vozeada	64,9%
Obstruinte vozeada	57,4%	Lateral	59,2%
Obstruinte não-vozeada	53,8%	Obstruinte não-vozeada	54,3%
Nasal	53%	Vibrante	53,8%
Lateral	44%	Nasal	44,8%
Vogal	14,1%	Pausa	14,4%
Pausa	11,1%	Vogal	10,3%

Tabela 2: Contextos subsequentes favorecedores da queda de R em coda externa na fala de Lisboa e Braga. Fonte: MATEUS; RODRIGUES, 2003, quadro 9, p. 196

Mateus; Rodrigues (2003) concluem que são *estritamente* fatores contextuais (a classe da consoante seguinte) os principais condicionadores do cancelamento, embora o tipo de registro (fala espontânea) e a categoria sintática do vocábulo se tenham mostrado significativos.

Com base nos dois estudos comentados, verifica-se que, nos anos 1990 e no início dos 2000, o apagamento em coda externa no PE, a depender do *corpus*, apresentava índices ainda pouco significativos, devendo-se ressaltar que os de Brandão; Mota; Cunha, 2003 (26%) e os de Mateus; Rodrigues (2003) para Lisboa (31,3%) e Braga (33,4%) na fala espontânea são bem próximos. Talvez amostras mais recentes possam indicar se a queda do R se manteve nos mesmos patamares ou se houve alterações.

Em síntese, é em comparação a esses índices que se observará o cancelamento no PST e no PM.

2.2. Róticos no PST e no PM

As variedades africanas do Português têm sido observadas, muitas vezes em contraste com o PB, quanto a fenômenos sintáticos, morfossintáticos e lexicais. A sua caracterização fonético-fonológica não tem recebido a mesma atenção, haja vista o pequeno número de trabalhos arrolados no site da Cátedra de Português organizado por Perpétua Gonçalves, da Universidade Eduardo Mondlane, sediada em Maputo⁴.

4 http://catedraportugues.uem.mz/?__target__=bibliografia-new

A partir do início da década de 2010, no entanto, alguns pesquisadores começaram a se interessar por variáveis fonético-fonológicas, como é o caso, no PST, dos ditongos (SILVEIRA, 2013; PASSOS, 2018; SILVEIRA; ARAUJO, 2018), das vogais em contexto pretônico (NASCIMENTO, 2018a⁵) e postônico medial (GOMES, 2018) e dos róticos, que são observados, em contextos pré-vocálicos e pós-vocálicos, no PST por Brandão *et al* (2017) e Bouchard (2017) e, no PM e no PST, por Brandão; De Paula (2018a) e apenas no PM, por Brandão; De Paula (2018b), todos eles na perspectiva sociolinguística variacionista.

Brandão *et al* (2017) e Brandão; De Paula (2018a) demonstram, com base na amostra do PST que lhes serviu de base, que o tepe e a vibrante alveolar concorrem nas posições inicial de vocábulo e intervocálica, na primeira delas com 62,5% de frequência, na segunda, com 56,8%. Em contexto pós-vocálico, em que a norma é o tepe, observam, no contexto medial, 4,4% de cancelamento e, no final, 44,7%.

Bouchard (2017), com apoio em *corpus* por ela organizado para sua tese, prioriza a emergência da fricativa uvular sonora [ʀ], que vem se difundindo na fala dos indivíduos mais jovens, como no vocábulo *pf [ʀ]ofesso[ʀ]Ja*. Segundo ela, o uso dessa variante teria caráter ideológico, identitário, sendo um símbolo de *santomensidade*, isto é, um traço que distinguiria o PST do PE.

No cômputo geral (p. 254), ela obteve 18,5% de fricativas (uvular, velar, glotal), 55,3% de tepes alveolares, 4,9% de vibrantes (alveolar, uvular) e 21,3% de cancelamento. Para fins de análise, considerou duas categorias (p. 245): R forte (fricativas e vibrantes) e R fraco (tepe e cancelamento de R).

Para o PM, conhecem-se apenas os trabalhos de Brandão; De Paula (2018a, 2018b), que também demonstram haver oscilação entre o tepe e a vibrante alveolar nos contextos pré-vocálicos, embora observem diferentes performances entre os falantes de PM L1 e PM L2. Entre os falantes L1, predomina a vibrante alveolar (61,5% em contexto de vocábulo e 52,5%, no intervocálico), enquanto entre os que o têm como L2, o tepe é a variante mais frequente – 77,6%, quando inicial, 79,4%, quando intervocálico (BRANDÃO; DE PAULA, 2018b). No que respeita aos contextos de coda, em que o tepe é a norma, a interna apresenta 11,2% de cancelamento e a externa, 23,5%.

Como observam Brandão; De Paula (2018a, p. 97) e se pode deduzir desse quadro,

No PST e no PM não há, na fala de muitos indivíduos, o mesmo tipo de distribuição de segmentos que se verifica no Português Europeu (PE) e no Portu-

5 Este e os demais textos publicados em *Duas variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfosintáticas* (cf. Referências) estão disponíveis em <https://openaccess.blucher.com.br/article-list/9788580393248-395/list#articles>

guês do Brasil (PB). Em alguns casos, a neutralização entre o rótico [+ant] e o [-ant] se dá também no context intervocálico, em que tanto pode ocorrer um tepe quanto uma vibrante alveolar (ou uma fricativa uvular, no caso do PST), anulando distinções do tipo *caro* x *carro*. Tal variação também está presente no contexto inicial de vocábulo ([R]oça/[r]oça), em que, no PE atual, se esperaria, por exemplo, a vibrante uvular ou a vibrante alveolar (a pronúncia mais conservadora) ou, ainda, uma fricativa.

Neste artigo, voltado exclusivamente para o cancelamento de R em coda externa, apresenta-se uma análise mais detalhada do que a comentada nos textos de Brandão; De Paula aqui citados.

3. Breve perfil das comunidades

São Tomé e Príncipe, situado no Golfo da Guiné, com 1.001km², conta com 178.739 habitantes, 53,8% em áreas urbanas. As ilhas, em 1470, foram ocupadas pelos portugueses que as colonizaram até 1975, ano da independência.

Moçambique, que também se emancipou em 1975, tem 801.590 km² e 27.128.530 habitantes. A chegada dos portugueses à região deu-se em 1498, embora só em 1505 tenha sido anexada ao império.

Em ambos os países, embora o Português – a única língua oficial – seja veiculado no ensino escolar e nos meios de comunicação, constituindo a língua de prestígio e ascensão social, o quadro linguístico é bem diversificado. Em São Tomé, é a língua dominante, falada por 98,4% da população, com ela coexistindo o Forro – com 36,3% de utentes – e três outros crioulos de base portuguesa. Em Moçambique, apenas 10,7% dos habitantes o têm como L1, e 42,9%, como L2, sendo faladas mais de vinte línguas de origem Banto (GONÇALVES, 2010: 25-26). Um perfil histórico-cultural e sociolinguístico das duas comunidades pode ser obtido em Nascimento (2018b) e Pissurno (2018b).

4. Aspectos teórico-metodológicos

As análises que se desenvolvem neste estudo, realizadas segundo os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), apoiaram-se em amostras selecionadas de entrevistas pertencentes aos bancos de dados do Projeto VAPOR (Variedades do Português), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, realizadas em São Tomé em 2009, e do *Corpus Moçambique* do Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português* (doravante *Corpus Concordância*), realizadas em Maputo em 2016.

As análises em separado de cada variedade nortearam-se pelos mesmos parâmetros no que respeita às variáveis estruturais controladas (o modo e o ponto de articulação da consoante subsequente, a natureza da vogal antecedente, a tonicidade e o número de sílabas, bem como a classe do vocábulo). Quanto às variáveis sociais, além de faixa etária (18-35; 36-55 e 56-75 anos), sexo e nível de escolaridade (fundamental, médio e superior), foram consideradas, (i) para São Tomé, a variável *frequência de uso de um crioulo* com o objetivo de aquilatar se o não uso do Forro ou seu uso em maior ou menor grau influenciaria a performance dos indivíduos; (ii) para Moçambique, o estatuto do Português (L1 ou L2), bem como o grau de conhecimento/uso de outra(s) língua(s) falada(s) no país. Os dados foram selecionados de uma média de 20 a 25 minutos de gravação.

5. Análise dos dados

5.1. No Português de São Tomé

No Português de São Tomé, registraram-se 2375 dados, cuja distribuição percentual pelas variantes se indica no Gráfico 1. Predomina o tepe (52,8%), logo seguido pelo cancelamento (44,7%), e por 2,5% variantes vibrantes (alveolar: 0,9%; uvular: 0,1%) e fricativas (velar: 0,1%; glotal: 1,4%).

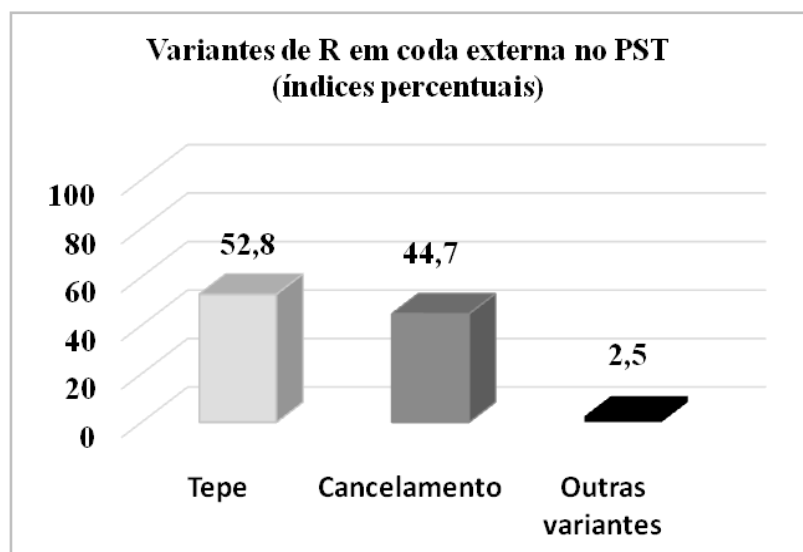


Gráfico 1: Índices relativos às variantes de R em coda externa no PST

Para o cancelamento (712 ocorrências), que foi analisado em contraposição ao tepe num total de 1592 dados, mostraram-se favorecedores da regra (com *input* .43) o *nível de escolaridade*, a *classe do vocábulo*, o *contexto subsequente*, o *sexo* e a *faixa etária*, conforme se sintetiza na Tabela 3.

Variável	Fatores	Apl./N%	%	P.R.
Nível de Escolaridade	Fundamental	465/586	79,4	.83
	Médio	149/590	25,3	.29
	Superior	98/416	23,6	.25
Classe do vocábulo	Nome	36/207	17,4	.14
	Verbo no infinitivo	655/1339	48,9	.56
	Outras classes	20/45	44,4	.47
Contexto subsequente	Consoante	415/743	55,9	.65
	Vogal	162/489	33,1	.35
	Pausa	129/354	36,4	.36
Sexo	Masculino	310/886	35	.41
	Feminino	402/706	56,9	.60
Faixa etária	18-35 anos	354/615	57,6	.61
	36-75 anos	358/977	36,6	.42
Input: .43		Significância: .000		

Tabela 3: Variáveis atuantes para o cancelamento de R em coda externa no PST. Fonte: BRANDÃO; DE PAULA (2018a)

Os maiores índices de cancelamento encontram-se entre os falantes de nível fundamental (P. R. .83) que se distanciam dos de nível médio e superior por *ranges*, respectivamente, de .54 e .58, o que é muito significativo, sendo as mulheres (P. R. .60) e os mais jovens (P. R. .61) os segmentos que mais sobressaem.

A observação da performance de cada indivíduo pode melhor demonstrar como se distribui o cancelamento na amostra.

Escolaridade	NÍVEL 1		NÍVEL 2		NÍVEL 3	
	(fundamental)		(médio)		(superior)	
Sexo						
Idade	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
FAIXA A (18-35 anos)	101/136	150/154	42/145	19/42	21/71	21/59
	74,3%	97,4%	29%	45%	29,6%	35,6%
FAIXA B (36 a 55 anos)	40/56	104/119	11/119	43/159	28/162	28/71
	71,4%	87,4%	9,2%	27%	17,3%	39,4%
FAIXA C (56-75 anos)	54/68	16/46	13/75	21/37	0/36	_____ ⁶
	79,4%	34,8%	17,3%	56,8%	0%	

Tabela 4: Distribuição das 712 ocorrências de cancelamento de R em coda externa pelos informantes da amostra do PST

⁶Na Tabela 4, fica claro o predomínio do cancelamento entre os indivíduos de nível fundamental, que atinge de 71,4% a 97,4%, à exceção da mulher da faixa mais velha, com 34,8%. Nos demais níveis, as mulheres são as que mais cancelam, devendo-se ressaltar a performance do homem mais velho de nível superior, que não apresentou nenhum caso de apagamento: das 36 ocorrências de R, 34 (94,4%) correspondem ao tepe alveolar e as duas outras a uma vibrante alveolar e uma fricativa glotal.

No que tange às variáveis estruturais, é diante de consoante (P. R. .56), e em verbos no infinitivo (P. R. .65), a exemplo do que se verifica no PE e se tem registrado também em variedades brasileiras, que a queda de R é mais suscetível de ocorrer.

Apesar de as variáveis modo e ponto de articulação não terem sido selecionadas na análise, apresentam-se os resultados percentuais referentes à primeira delas no intuito de testar a hipótese de Mateus; Rodrigues (2003) de que a queda de R tende a ocorrer, com mais frequência, diante de obstruintes. Para fins comparativos, repetem-se os dados relativos à variável consoantes em contexto subsequente da amostra de Lisboa (cf. Tabela 2), com exceção do que se refere à vibrante, não computada em análises sobre o R em coda final no PB, em decorrência de, normalmente, ocorrer o fenômeno de sândi com assimilação total.

Observe-se que a relação não é a mesma entre as duas variedades e que, em ambos os

⁶ Na amostra VAPOR, entre 101 entrevistas não há nenhuma representante feminina da Faixa C com nível superior de instrução.

casos, os percentuais de cancelamento entre as diferentes classes de sons são pouco relevantes, sobretudo no PST, o que, provavelmente, levou à não seleção da variável.

PST	PE-Lisboa
obstruente não-vozeada 59,22%	obstruente vozeada 57,4%
obstruente vozeada 58,6%	obstruente não-vozeada 53,8%
Lateral 57%	nasal 53%
Nasal 53%	lateral 44%

Tabela 5: Comparação entre o PST e o PE, quanto à variável modo de articulação do segmento subsequente

Ainda em relação à classe do vocábulo, é interessante notar que, entre os nomes, também como ocorre em outras variedades, é baixo o índice de apagamento (17%, P. R. .14), que incidiu em 34 vocábulos, inclusive em um monossílabo (*lar*).

Pode-se deduzir pelos resultados da análise variacionista que, no PST, o cancelamento, de um lado, parece obedecer a variáveis estruturais que vêm se mostrando atuantes em diferentes variedades (a *classe do vocábulo* e o *contexto subsequente*), de outro parece depender, crucialmente, da atuação de variáveis de cunho social – *nível de escolaridade, sexo e faixa etária* –, que são sempre altamente relevantes (sobretudo a primeira delas) também no que tange a fenômenos variáveis morfossintáticos (cf. BRANDÃO, 2018, 2013 sobre a concordância nominal; PISSURNO, 2018a e VIERA; BAZENGA, 2013, para a concordância verbal).

5.2. No Português de Moçambique

No Português de Moçambique, a questão é ainda mais complexa, pois o Português, como já se observou, é L2 da maioria da população e diversas são as línguas do grupo Banto que podem constituir a L1 desses indivíduos. Comparativamente ao PST, o índice de cancelamento é ainda baixo – 23,5% – (cf. Gráfico 2), o que, de certa forma, sugere uma maior proximidade dessa variedade com o PE.

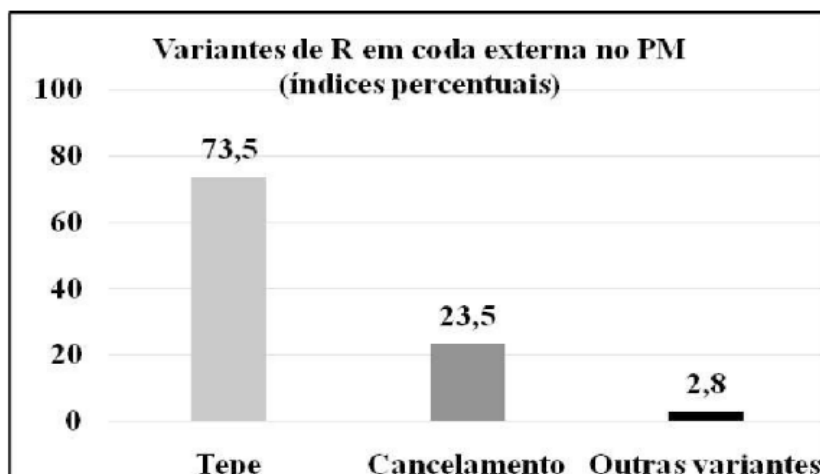


Gráfico 2: Índices relativos às variantes de R em coda externa no PM

Na amostra, registraram-se 2375 ocorrências de R em coda, dos quais 558 (23,5%) referentes ao cancelamento (o valor de aplicação) que, nesta análise, foram contrapostos aos 1817 (76,5%) dados de concretização. Os 2,8% de variantes que não o tepe correspondem a 30 ocorrências de vibrante alveolar (1,3%); 10, de fricativa glotal (0,4%); e 27, de tepe seguido de [e] ou de [i] (0,11%), como em *doutor[e]*, *guardar[e]*, *dar[e]*, *ir[i]*, casos presentes apenas na fala do indivíduo mais velho, menos escolarizado e usuário de Português como L2.

Entre os 18 informantes, há 11 que se declararam utentes de Português como L1 e 7, como L2, o que se poderá observar na Tabela 6, em que também se indicam os índices de cancelamento na fala de cada um deles.

Escolaridade Sexo Idade	NÍVEL 1 (fundamental)		NÍVEL 2 (médio)		NÍVEL 3 (superior)	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
FAIXA A (18-35 anos)	L2	L1	L1	L2	L1	L1
	65/201	72/178	21/79	31/138	24/95	41/153
	32,3%	40,4%	26,6%	22,5%	25,3%	26,8%
FAIXA B (36 a 55 anos)	L2	L2	L1	L1	L1	L1
	24/129	21/118	26/156	57/205	16/80	64/158
	18,6%	17,8%	16,7%	27,8%	20%	40,5%
FAIXA C (56-75 anos)	L2	L1	L2	L2	L1	L1
	18/166	23/111	14/89	8/97	19/109	14/113
	10,8%	20,7%	15,7%	8,2%	17,4%	12,4%

Tabela 6: Distribuição das 558 ocorrências de cancelamento de R em coda externa pelos 18 informantes da amostra do PM. Fonte: BRANDÃO; DE PAULA (2018b)

Como se verifica na Tabela 6, não há, no que se refere ao cancelamento, diferenças marcantes no PM entre falantes de L1 (total de 26,2%) e L2 (total de 19,3%), estes ressaltados nas quadrículas sombreadas, tanto que a variável *estatuto do português* não foi selecionada na análise variacionista, o que, de certa forma, contraria a hipótese inicial: esperava-se que falantes do PM L2 fossem detentores dos maiores índices de queda de R. Os dois indivíduos com maior índice de cancelamento (40,4% e 40,5%) são duas mulheres, uma da faixa A, nível 1, outra da faixa B, nível 3, ambas falantes de PM L1. Já o de menor percentual (8,2%) é a mulher da faixa C, de nível médio de escolaridade, falante de PM L2.

A análise variacionista indicou como atuantes para o cancelamento, com *input* .19, o *contexto subsequente*, *a faixa etária*, *a natureza da vogal*, *o número de sílabas*, *a tonicidade e o nível de escolaridade*, conforme se discrimina na Tabela 7.

Variável	Fatores	Apl/N	%	P.R.
Contexto subsequente	Consoante	407/1080	37,7	.69
	Vogal	95/852	11,2	.31
	Pausa	55/1813	12,6	.37
Faixa etária	18-35 anos	254/844	30,1	.59
	36-55 anos	208/846	24,6	.52
	56-75 anos	96/589	14	.36
Natureza da vogal	[+ baixa]	314/1175	26,7	.54
	[- baixa]	244/1200	20,3	.46
Número de sílabas	Uma	87/417	20,9	.49
	Duas	351/1285	27,3	.54
	Três	103/525	19,6	.45
	Quatro ou mais	17/148	11,5	.33
Tonicidade da sílaba	Tônica	557/2341	23,8	.50
	Postônica	1/34	2,9	.11
Nível de escolaridade	Fundamental	223/903	24,7	.50
	Médio	157/764	20,5	.44
	Superior	178/708	25,1	.55

Input: .19

Significância: .009

Tabela 7: Variáveis atuantes para o cancelamento de R em coda externa no PM. Fonte: BRANDÃO; DE PAULA, 2018a

Entre as variáveis sociais, destacaram-se a faixa etária e o nível de escolaridade. Quanto à primeira delas, o Gráfico 3 permite observar que, embora os indivíduos mais velhos se destaquem em relação aos mais jovens, há apenas uma sutil indicação de mudança em progresso, o que é típico de fenômenos em fase inicial.

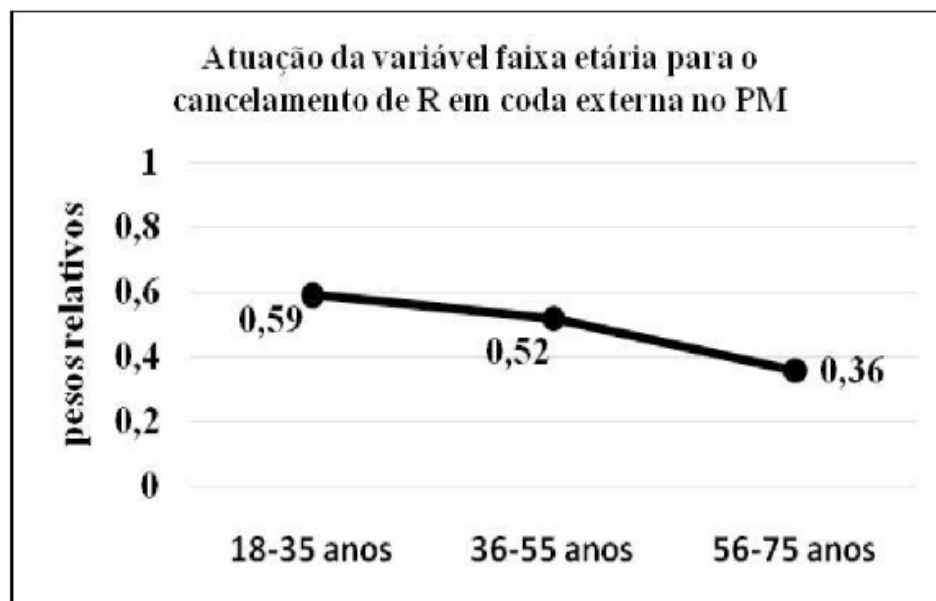


Gráfico 3: Atuação da variável faixa etária para o cancelamento de R em coda externa no PM

O nível de escolaridade, por sua vez, apontou os indivíduos de nível superior (P. R. .55) – todos falantes de PM L1 – como os mais suscetíveis ao cancelamento, embora também com pequena diferença em relação aos de nível fundamental (P. R. .50) e médio (P. R. .44).

Entre os fatores de cunho estrutural, ressaltam a consoante em contexto subsequente (P. R. .69), a vogal antecedente com traço [+baixo] (P. R. .54) e, como era de esperar, a sílaba tônica (P. R. .50), tendo em vista que, em Português, sílabas com R em contexto final portam, por *default*, o acento lexical. Das 34 ocorrências de R em sílaba átona (dentre as quais, os substantivos *dólar*, *açúcar* e o adjetivo *super*), apenas uma (*Vítor*) apresenta cancelamento. Dentre essas últimas ocorrências, computaram-se os casos em que, com a paragoge de [l] ou [e], o [R] torna-se pré-vocálico, formando uma sílaba átona, como nos exemplos *guarnece[Re]*, *faze[Re]*, *abri[RI]*, registrados na fala do indivíduo mencionado no segundo parágrafo desta subseção.

6. Síntese dos resultados

Retomando os índices de cancelamento expostos na Tabela 1 para o PB (78%) e para o PE (26%) na década de 1990, bem como os *inputs* de aplicação da regra, respectivamente, .89 e .05, e comparando-os aos obtidos para o PST em 2009 (44,7%; input .43) e para o PM em 2016 (23,5%; input .19), verifica-se que as duas variedades africanas urbanas aqui focalizadas se encontram, quanto à implementação do processo, em diferentes estágios, estando o PM mais

externa no PE que permita aquilatar se houve alguma mudança em relação ao quadro delineado na década de 1990.

Referências

BOUCHARD, M. *Linguistic variation and change in the Portuguese of São Tomé*. New York: New York University, 2017. Doctoral dissertation (Doctor in Philosophy) of the Department of Linguistics, New York University, New York, 2017.

BRANDÃO, S. F. Patterns of agreement with in the Noun Phrase, *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 12, n.2, 51-100, 2013.

_____. Concordância nominal no Português de São Tomé e no Português de Moçambique. In: BRANDÃO, S. F. (org.). *Duas variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018. p. 201-244.

_____; MOTA, M. A.; CUNHA, S. C. Um estudo contrastivo entre o português europeu e o português do Brasil: o -R final de vocábulo. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (orgs.). *Análise contrastiva de variedades do Português: primeiros estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003. p. 163-180.

_____; PESSANHA, D. B. dos S.; PONTES, S. de P.; CORRÊA, M. O. Róticos na variedade urbana do Português de São Tomé. *Papia*, v. 27, n. 2, 191-213, 2017.

_____; DE PAULA, A. Róticos nas variedades santomense e moçambicana do Português. In: BRANDÃO, S. F. (org.). *Duas variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018a. p. 93-118.

_____; _____. Ainda sobre os róticos no Português de Moçambique. Comunicação apresentada ao XXXIII ENANPOLL, Encontro Anual da ANPOLL, Cuiabá, Universidade Federal de Mato Grosso, 27-29 de junho, 2018b.

GOMES, D. K. Vogais em contexto postônico medial no Português de São Tomé. In: BRANDÃO, S. F. (org.). *Duas variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018. p. 159-176.

GONÇALVES, P. *A gênese do Português de Moçambique*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2010.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. *The sounds of world's languages*. Oxford: Blackwell, 1996.

MATEUS, M. H. M.; D'ANDRADE, E. *The phonology of portuguese*. Oxford: University Press, 2000.

_____; RODRIGUES, C. A vibrante em coda no Português Europeu. In: HORA, D.; COLLIS-CHONN, G. (orgs). *Teoria linguística: fonologia e outros temas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2003. p. 181-199.

NASCIMENTO, Fabiane de M. V. da R. T. R. do. As vogais médias pretônicas na variedade urbana do Português de São Tomé. In: BRANDÃO, S. F. (org.). *Dois variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018a.p. 119-158.

_____. São Tomé e Príncipe: aspectos históricos, econômico-sociais e linguísticos. In: BRANDÃO, S. F. (org.). *Dois variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018b. p. 43-74.

PASSOS, R. R. O ditongo /ei/ na fala de São Tomé. In: BRANDÃO, S. F. (org.). *Dois variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018. p. 177-200.

PISSURNO, K. C.da S. Padrões de concordância verbal de terceira pessoa plural no Português de São Tomé e no Português de Moçambique. In: BRANDÃO, S. F. (org.). *Dois variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018a. p. 245-276.

_____. O perfil multilíngue de Moçambique. In: BRANDÃO, S. F. (org.). *Dois variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018b.p. 75-92.

RODRIGUES, C. Lisboa e Braga: fonologia e variação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

SILVEIRA, A. C. *Ditongos no Português de São Tomé e Príncipe*. São Paulo: USP, 2013. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2013.

_____; ARAÚJO, G. A. de. Ditongos no português vernacular de São Tomé e Príncipe. In: OLIVEIRA, M. S. D. de; ARAÚJO, G. A. de (orgs.). *O Português na África Atlântica*. São Paulo: Humanitas, FAPESP, 2018. p. 261-296.

VELOSO, J. The english R coming! The never ending story of portuguese rhotics. In: SIMÕES, A.; BARREIRO A.; SANTOS, D.; SOUSA-SILVA, R.; TAGNIN, E. O. (eds.). *Linguística, Informática e Tradução: Mundos que se cruzam*. Oslo, Studies in Language, v. 7, n.1, 323-336, 2015. Disponível em <http://www.journals.uio.no/osla>. Acesso em 10 de fevereiro de 2016.

VIEIRA, S. R.; BAZENGA, A. Patterns of third person verbal agreement. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 12, n. 2, p. 7-50, 2013.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of linguistic change. In: LEHMANN, W. P; MALKIEL, Y. (orgs.). *Directions for historical linguistics*. Aus-

tin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

Sobre Dinah Callou — *Silvia Figueiredo Brandão*⁷

7 Neste artigo em homenagem a Dinah, elegi como tema os róticos a que, entre seus inúmeros estudos, ela vem dedicando especial atenção desde 1980, ano da defesa de sua tese *Varição e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. No entanto, o mais importante a dizer é que tenho tido o privilégio de com ela conviver há exatos 40 anos. Neste longo, prazeroso e enriquecedor convívio, em conjunto, elaboramos textos acadêmicos (inclusive sobre róticos) e alguns projetos institucionais, mas, sobretudo, pude testemunhar seu grande entusiasmo e aguda responsabilidade profissional em relação à universidade pública em seus diferentes matizes: na pesquisa, na formação de recursos humanos, na administração e definição de políticas acadêmicas, nas iniciativas de internacionalização. Dinah é, sem dúvida, um referencial não só para a UFRJ, mas também para os estudos linguísticos em nosso país.